

RUY CARLOS OSTERMANN



Zagallo

O Inter começou a jogar mais cedo com o Flamengo. Ontem, como desfecho de uma reunião entre o presidente Edmundo Santos Silva e o vice de futebol Walter Oaquin, o técnico Zagallo se demitiu. Zagallo pretendia de qualquer forma encerrar sua carreira de técnico neste fim de ano. Mas pensava em entregar o cargo com o Flamengo fora do rebaixamento. Há forças negativas maiores do que presumia o velho técnico. O presidente está brigado com o vice de futebol, há eleições à vista, um puxa para cá, outro para lá. Zagallo no meio. Não havia resultados, o São Paulo acaba de aplicar-lhe 3 a 1 com autoridade, grande diferença de aplicação e desempenho e, por honestidade, com a impiedade de quem quer se classificar. O grupo de jogadores, tirante os muito jovens, não ajuda nada. Prestativo, à janela, estava assumindo ontem à tarde Carlos Alberto Torres. Três jogos, a começar amanhã contra o Inter em Juiz de Fora, – segue-se São Caetano, lá, e Palmeiras – é quase um suicídio. Há um repique de Grêmio nas semifinais da Mercosul. Mas penso em Zagallo, na sua tristeza. Sempre foi um otimista, mesmo agora no Flamengo. Não desistia, tudo sempre se podia recompor. Era questão de encerrar. Encerra sua longa e reconhecida carreira com uma demissão há dois meses da aposentadoria. Talvez antes do fracasso inominável. Mesmo assim não é justo, mas assim pode ser o Flamengo e o futebol.

O Inter vai enfrentar um time com culpa e remorso. Não é o adversário mais recomendável.

O terceiro

Confirmou-se ontem a terceira candidatura à presidência do Inter, a de um velho entusiasta das questões do clube, Adil Souto, que traz consigo Hugo Amorim e Luiz César Souto de Moura na composição da chapa. É uma dissidência nas forças da situação provocada pelo lançamento da candidatura de Felipe de Oliveira, indicação de Fernando Miranda, sem consultá-los.

É uma vantagem de Fernando Carvalho, da oposição, que pode se beneficiar da subdivisão entre os adversários. Só com 25% dos votos no Conselho Deliberativo uma chapa se credencia ao voto dos sócios, depois.

Resumo

A entrevista de Luiz Felipe Scolari, ontem, aqui, por insistência do repórter Luís Henrique Benfica, anuncia que até mais sete jogadores poderão ser incorporados ao lote que vai ao Japão em maio. Anderson Polga, numa função que está sendo construída na Seleção, que o último Edmilson bem representou, e Luís Mário, que, entre outras virtudes, tem uma predileta do técnico: joga no flanco, tem velocidade e chute. E tem acrescentado uma generosidade de passe que mais o credencia.

É um resumo do Grêmio, sem Zinho.

100 mais

O *Meia Encarnada, Dura de Sangue*, a coletânea de cronistas, contistas e romancistas que tratam do futebol em suas obras, que fui identificando aqui na Zero e depois no livro da Artes e Ofícios, concorrendo com esotéricos, livros de autoajuda, de serviços e também os da grande literatura, acabou entre os 100 mais vendidos da Feira do Livro. Uma coletânea sempre dispersa seus autores, não tem a unidade do livro de um autor só. É um tributo, um reconhecimento, uma exaltação, e assim vai sendo tratado, com uma urgência protegida.

ruy.ostermann@zerohora.com.br



Por causa de um erro, os seis brasileiros largaram na última fila e precisaram ganhar centenas de posições, como fez Carlão (533)

ATLETISMO Problema para portadores de deficiência é a escassez de patrocinadores

Desempenho no Japão traz convites para gaúcho

DECA SOARES

A ótima classificação de Carlos Roberto Oliveira, o Carlão, na 21ª Oita Wheelchair Marathon – ficou em 29º lugar entre 600 participantes – rendeu bons frutos. Inúmeros convites para diversas provas no Exterior, além da promessa da Associação Brasileira de Desporto em Cadeira de Rodas de proporcionar a presença a quatro ou cinco atletas brasileiros em algumas competições internacionais, assim como ocorreu este ano no Japão.

Só que os patrocinadores, mesmo assim, continuam distantes dos atletas portadores de deficiência.

Por um lapso, os índices dos seis brasileiros não foram mandados para os organizadores japoneses da maratona exclusiva para cadeirantes. O resultado foi que eles tiveram de largar no último pelotão. Carlão, por exemplo, carregava o número 533. Mesmo assim, ultrapassou 504 adversários para cruzar a linha de chegada em 29º lugar.

– Meu índice me deixaria, pelo menos, entre os 20 primeiros – explica Carlão. – Se não tivesse perdido tanto tempo passando os retardatários do fundo, poderia ter chegado tranquilamente entre os 10.

Além da prova em si, Carlão, Altemir de Oliveira, o outro gaúcho que correu a maratona, e os outros quatro competidores brasileiros passaram uma semana em Oita sendo o centro das atenções. A prova parou a cidade. Nas calçadas, as

O Brasil na Meia Maratona



- ◆ 29º Carlos Roberto Oliveira/RS, (54min14s), na foto
- ◆ 44º Wendel Soares/DF (56min04s)
- ◆ 48º Altemir de Oliveira/RS (56min11s)
- ◆ 92º Ariosvaldo da Silva/DF (1h02min25s)
- ◆ 93º Ronilson dos Santos/SP (1h02min41s)
- ◆ 183º Esequiel da Rosa/PR (1h23min32s)

Obs.: o campeão foi o japonês Watanabe Shusuke, com 45min01s para os cerca de 21 quilômetros

pessoas se aglomeravam para ver os atletas. A delegação brasileira participou de uma entrevista em uma escola na qual as crianças pediram informações sobre o Brasil. Na maratona, lá estavam elas segurando cartazes com incentivo aos corredores do país.

– Recebi um cartão que dizia “go, go, go, Carlos” (vá, vá, vá, Carlos) – emocionou-se o atleta.

Carlão se impressionou com a determinação dos participantes

Além da atenção recebida, que nunca é dada nas competições no Brasil, Carlão também ficou impressionado com a superação dos atletas nessa maratona, dedicada exclusivamente aos cadeirantes. Citou um japonês que corria muito bem, apesar de não ter um dos braços para movimentar a cadeira, mas que estava disputando a ponta:

– E tinha outro, um tetraplégico, que não conseguiu subir de frente uma cadeira. Não teve dúvida: virou a cadeira

e subiu de costas.

Carlão, que já conquistou dois quartos lugares na Maratona Internacional de Nova York, em 1997 e 1999, recebeu convites para disputar provas nos Estados Unidos, França, Coreia do Sul e Suíça no ano que vem. Os organizadores dessas maratonas pagam as despesas, mas o atleta tem de arcar com as passagens aéreas. Carlão não tem patrocinador. Recebe apoio da Dado Bier Team, da ARBS e da Arpa.

– Não tenho mais o que mostrar, o que dar ao esporte para receber patrocínio – lamenta.

Mas, talvez, uma boa alma apareça novamente na vida de Carlão, um dos únicos atletas de elite a trabalhar oito horas por dia e ainda treinar. Em 1998, recebeu uma ajuda anônima de US\$ 4 mil para comprar uma cadeira nova, que custava US\$ 8,5 mil. Para poder competir no Mundial da França em julho do ano que vem, ele precisaria trocar a sua, já com três anos. Alguém se habilita?